

DISSIDENTE, DA LEITURA À ESTRÉIA

Por Gordo Neto¹

A montagem de uma peça teatral guarda sempre histórias que vão além do que se supõe. Com a montagem de “Dissident, Il va sans dire”, texto do autor francês Michel Vinaver, traduzido “Dissidente” por Catarina Sant’Anna, não foi diferente.

O texto nos chegou em 2008 e foi feita uma leitura dramática por Vivianne Laert e Daniel Farias, acompanhados pelo músico Ricardo Caian. Ali, no contexto do projeto *Leituras em Vox Alta*, do grupo Vilavox, a peça tornou um desafio de montagem – haja vista sua peculiaridade de não ser acentuada e contar com diálogos aparentemente desconexos. Gostamos do texto, gostamos do resultado da leitura, da música proposta por Ricardo, dos apontamentos de movimento. Vimos, ali, a promessa de algo bom.

A ideia de montar foi ganhando força e o desejo em concretizá-la foi maior que o desafio de não ter mais Daniel Farias por perto (ele já havia se mudado pra São Paulo), de não ter recursos para tal. Encaramos fazer com recursos do próprio bolso e, com intervalos imensos, fomos, ao longo de dois anos, estudando e montando, aos poucos, nosso *Dissidente*. O próprio Daniel resolveu o problema de sua substituição: “Chame Tato (Victor Sanches, filho de Vivianne), velho, chame Tato”. Daniel foi o responsável por colocar em cena mãe e filho: Vivianne e Vitor, mãe e filho na vida real e Helena e Felipe, mãe e filho personagens de *Dissidente*. O espaço para a apresentação foi se resolvendo com os ensaios: sem se dar conta, a própria Casa Pre-

ta tornou-se o apartamento onde a peça se passa. Também foi por conta da Casa Preta, juntamente com o fato de reunir na equipe gente “de casa”, é que a estreia da peça, em novembro de 2012, também marca a criação da Cia. Teatro da Casa. Reparem: de um projeto de leituras dramáticas de um grupo (o Vilavox), chegamos à estreia de uma peça e à criação de um novo grupo, que, em seguida, assume também um dos andares desta Casa – hoje um pequeno oásis na conjuntura precária de espaços culturais alternativos na cidade.

A Equipe de Criação

A incorporação do cenógrafo, do produtor de objetos, do figurinista e do iluminador na criação de *Dissidente* foi determinada tanto pela competência quanto pela aproximação pessoal com os mesmos: sem dinheiro é preciso contato com a boa vontade dos amigos. Rodrigo Frota, Dan Rodrigues, Luiz Santana e Fred Alvin, respectivamente, chegaram mais no final do processo de montagem e rapidamente compreenderam, modificaram, recriaram e incorporaram ideias já estabelecidas pela minha direção. O resultado é, na minha opinião, um espaço “limpo”, mas cheio de detalhes minuciosos, um figurino funcional e uma iluminação com poucos recursos e muitos climas. Já a música, uma parceria com Ricardo Caian desde a leitura, tem uma presença muito forte na peça. Ricardo também é um pouco Felipe. A vitrola e os discos espalhados – que são, ao mesmo tempo, cenário e música – dialogam com a mesa de jantar – que produz sons – ou com a música ao vivo, que por

¹ Ator e diretor, co-fundador do grupo Vilavox (2001).

vezes repete conteúdos ou formas musicais do que se houve na vitrola. Ouvimos Piaf, Beatles e Janis Joplin ao vivo e pelo som agradavelmente ruidoso da vitrola.

Os mínimos detalhes de Dan Rodrigues, com seu pensamento e experiência no cinema, trouxeram para *Dissidente* essa cara de filme, reforçada pela interpretação de Vica e Tato. Dan se preocupa com a forma dos livros serem colocados à mesa, com a distância entre o abajur e o porta retrato, com a posição correta do jarro.

O Cenário de Rodrigo incorporou a sala da Casa e os móveis já utilizados nos ensaios. Quando das apresentações na Casa Preta, o revestimento listrado das paredes e chão, bem como das almofadas das cadeiras e dos bancos da plateia nos lembram: isso é teatro. Já quando saímos de lá, o efeito se inverte: o sofá, a mesa e a escrivaninha com a vitrola marcam o tom realista que precisamos para orientar o olhar do público sobre a obra.

Luiz Santana vestiu os atores e o músico com roupas bem simples, deixando-os à vontade. Os tons pastel e a incorporação do vestido vermelho, a ser comprado por Helena (no texto, branco), corrobora o ambiente caseiro em que a peça se passa.

A iluminação de Fred Alvin aproveitou-se também da estrutura da Casa. Abajures e luminárias de teto fazem o grosso da iluminação, que, em espaços maiores, conta com o reforço de mais refletores – mas sempre reafirmando uma luz “de casa” ou que “vem da rua”.



Pós-estreia

Dissidente começou com o pé direito: recebeu seis indicações ao Prêmio Braskem de Teatro, levando duas delas: a de Melhor Direção e a de Melhor atriz. Apresentou-se na própria Casa Preta e também nos teatros Gamboa e Vila Velha. Participou do FIAC

– Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia – e foi selecionado para o Bahia em Cena – Festival Baiano de Teatro.

Se antes estávamos presos à Casa Preta, agora temos a liberdade de experimentar nos apresentar em espaços bem diferentes, inclusive quebrando o formato “corredor”, com plateia em dois lados opostos e experimentando o tradicional italiano. Tudo funciona! Os atores e o músico seguram esta peça.

Nosso desejo, claro, é viajar com este *Dissidente*. Mas grupo formado, grupo trabalhando: Rui Manthur, que fez a assistência de direção, já fez

uma leitura de “À Procura de Emprego”, outro texto de Vinaver e a montagem já se insinua... Talvez uma trilogia, afinal, outro texto do autor, “Programa de Televisão” também é um bocado instigante.

